



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral de Trabalhos
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Combro, 284, 2.^o
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhata-Lisboa* • Telefone 53390.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 15

Sobre os acontecimentos de S. Tomé A questão de raças

Só será resolvida quando a questão social for solucionada!

Os acontecimentos alarmantes que em S. Tomé se produziram atraíram a atenção de muita gente que não conhece aquela ilha senão pelo nome de Pérula do Atlântico; que sabe apenas, por ouvir dizer, que de lá vêm o cau, o coconote e o café.

Para se possuir uma ideia nítida da engrenagem social daquela província é necessário pelo menos te-la visitado ou ter lido de perto com naturais e individuos que em S. Tomé tivessem permanecido largo tempo. Depois de conhecer essa engrenagem social, fácil se torna a qualquer compreender esses acontecimentos sangrentos que tanta indiferença mereceram da parte do ministro das colônias.

Em Lisboa, por exemplo, existem quatro classes distintas: burguesa, média, militar e proletária. Em S. Tomé, a sociedade divide-se: em classe burguesa, a predominante; média, formada pelos empregados das casas comerciais, da administração das rocas, empregados públicos, operários especializados e os filhos da terra despossessados das propriedades pelo capitalismo europeu; a classe militar e, por fim, a grande maioria sofradora, inculta, espécie de sub-gente, formada pelos servos, importados, coro qualquer mercadoria, de vários outros pontos de África.

Esta sub-gera que alimenta quase todas as outras castas, que produz a verdadeira riqueza, que cava, planta, colhe e esteira sob a violência do sol equatorial. Por isso mesmo, é essa sub-gera que, à guisa do proletariado europeu, ganha mal e sofre o peso de todas as tiranias e vexames. Porém, a consciência da grande massa trabalhadora é grande, é qualquer coisa de inconcebível. Aparte uma revolta aqui ou ali, realizada sem método, sem inteligência, uma revolta quase sufocada em sangue, tirando uma facada num tirano ou outro qualquer gesto individual, nunca os serviços levaram a cabo um movimento reivindicador. A ignorância entre esses homens-bestas, habituados a trabalhar de sol a sol e a dedicar, por vezes, aos patrões, a mesma amizade que o cão dedica ao dono, é profunda, é absurdo insinuá-la.

Estes homens são, geralmente, arrancados às selvas, por processos pouco leitos a que, por decência, se convencionou chamar *resgate* e ultimamente *contrato*. Haverá em cada dez mil um que saiba ler, e mal. Perfeitamente fora dos mais rudimentares princípios de civilização, em vez de respeito possuem medo, em vez de princípios de justiça tem o natural sentimento de justiça inerente a todos os seres humanos. Muitos deles, ao chegar a S. Tomé, morrem, tanto por culpa da asperça climática, como pelos hábitos de liberdade que não podem perder repentinamente, tomando contacto com a civilização que lhes querem impôr, civilização que traduz na privação súbita de todas as liberdades. Morrem às dezenas, não portando o colete de forças que a civilização lhes veste.

Não é, pois, entre indivíduos que tal sabem juntar dois pensamentos que se encoura o espírito de revolta dignificante, que um governador temia. Esse espírito de revolta reside na classe média, na qual se podem incluir os operários especializados que para aquela terra vão vindos com miragens de riqueza e de bem-estar.

Nesta classe média ainda se dão um número social digno de registo. São os funcionários e os operários que, devido à miserável situação económica em que se encontram, mais facilmente se revoltam. Quanto aos empregados do comércio e nas rocas, como estão numa situação mais desafogada, acobardam-se, calam-se. Entre os funcionários, pequenos funcionários, há muitos negros, com uma educação relativamente mais perfeita, que a paixão de revolta que a situação económica lhes provoca, outra reivindicação albergam naturalmente no espírito, excitada por injustiças e barbaridades cometidas pelo europeu — a reivindicação da raça, a revolta contra o predomínio do branco.

Esta revolta, ocasionada pela diferença de cores, é característica também nos negros capitalistas. Há, porém, uma maneira diferente de encarar a mesma questão entre os negros que constituem a classe burguesa e a classe média. O interesse destes é mesmo entre os negros, garantir o êxito das reivindicações de raça. Os negros trabalhadores só tem amigos, mais do que amigos, só tem inimigos, a classe trabalhadora europeu — a reivindicação da raça, a revolta contra o predomínio do branco.

Esta revolta, ocasionada pela diferença de cores, é característica também nos negros capitalistas. Há, porém, uma maneira diferente de encarar a mesma questão entre os negros que constituem a classe burguesa e a classe média. O interesse destes é mesmo entre os negros, garantir o êxito das reivindicações de raça. Os negros trabalhadores só tem amigos, mais do que amigos, só tem inimigos, a classe trabalhadora europeu — a revolta contra o predomínio do branco.

... E SEGUE SENHORIOS, INQUILINOS E HOSPEDES

Quinze famílias arremessadas à rua

Anteontem, na rua da Barroca, ao Baixio Alto, mais uma barbaridade se cometeu. Por ordem do senhorijo foi posto na rua o inquilino António Lopes. Pôsto na rua não será bem o termo: foram arremessados à rua, ele, a mulher e a mobília.

Não é, porém, o facto de António Lopes ter sido posto na rua o que mais temos a lamentar, porque este é conhecido pela sua malviziñanca e por explorador terço dos seus hóspedes. A saída destes é que nós lamentamos profundamente.

Com o mau inquilino, que pagando 1350 de renda recbia dos desgraçados que explorava mais de duzentos escudos, vieram todos os hóspedes para a rua, depois de já terem pago as suas rendas e quando julgavam possuir habitação garantida por mais uns mês.

Era bem triste contemplar o aspecto da rua, atraçanada de mobiliás pobres. Dirigimo-nos a um pobre velhote que lamentava a sua vida.

— Então você também foi posto na rua?

— É verdade.

— E já arranjou onde meter a mobília?

— Ainda não — murmurou o pobre velho.

— Quanto pagava? — perguntámos-lhe então.

— Eu pagava 3500 por um quarto, mas era dos que estavam morando, mais em conta.

Soubemos então que o tal António Lopes, além de receber dos seus hóspedes mais de duzentos escudos por mês, ainda exerce a profissão de proprietário negros que se sentem de vez mais desapossados. Mas a classe cada-

capitalista daquela ilha é, como em toda a parte, pacata, cobarde, não irrisante, a pele por qualquer ideal. O espírito de revolta, a cussedade e a violência transformadora, a violência que impele imediatamente o mundo para diante, que faz progredir as sociedades, reside na classe trabalhadora, no operariado, por temperamento, e por necessidade nos pequenos funcionários que nada tem a perder. E mais tarde, quando as ideias evoluem, porque o mundo marcha incessantemente, os serviços, os trabalhadores das rogas serão o agente impulsor, os que hão de transformar com o seu esforço heróico a engrenagem social que em S. Tomé existe mais defensiva do que em qualquer outra parte.

— E foi muita gente despedida? — inquirimos.

— Cárcia de umas trinta passos; eram quinze famílias que viviamos neste andar. Olhe a porta — é aquela, E. nº 72.

O guarda n.º 1034, da 3.ª esquadra, não permitia ajuntamentos, não queria que ali permanecessem. Entretanto somos ali interrompidos:

— Que foi isto afinal?

— Foi ordem de despejo — respondeu.

— E por quanto tempo pode estar aqui toda esta mobília?

— Teem quatro horas para se retirar, de contrário...

— De contrário, o quê?

— São autoados e a mobília vai para o posto — respondeu o guarda.

Ficámos pensando na injustiça das leis. E' a justiça que põe trinta pessoas na rua e é ainda a mesma justiça que não permite que aquela gente se conserve na vi. pública. E — caso notável — o senhorijo é o antigo juiz de paz. Cederam.

— Que pensará o ministro da justiça de tudo isto?

Os acontecimentos futilmente produzidos são o resultado desta engrenagem defensiva que acabamos de analisar. Como os factos são a mais eficaz propaganda, caberá à classe operária e aos pequenos funcionários o papel predominante na emancipação da raça. Porque só estes que, devido ao seu espírito combativo, superior à da burguesia africana, irão produzindo mais factos, cada vez mais precipitados, que abrassarão a queda do domínio europeu e possivelmente da preponderância dos capitalistas indígenas.

* * *

Os sucessos de S. Tomé repercutem-se não em Lisboa. Por solidariedade, que se manifesta mais forte entre os trabalhadores e indivíduos de ideias mais rasgadas, constituir-se hão — provavelmente — organismos que em Lisboa, junto dos poderes centrais, defendendo, pleitejarão pelas regalias reclamadas em S. Tomé, pelas classes que lutam, por esses operários e funcionários, e ainda, num futuro próximo, pelos interesses dos empregados do comércio, que infelizmente serão absorvidos pela mesma causa, pelo mesmo ideal de emancipação económica e de raça. Os organismos que em Lisboa se têm constituído, apesar para defender os interesses dos proprietários negros, hão de ver a sua ação ofuscar-se pouco a pouco, desaparecer quasi, ante a forma de agir dos organismos formados por trabalhadores, socialistas, sindicalistas e anarquistas negros, forma de agir que se caracterizará pelo seu vigor, pela sua energia, que um ideal mais forte, mais intenso, hâ de agitar constantemente.

É possível, é mesmo a única tática que esses organismos reivindicadores devem usar — em face das inúmeras dificuldades que em Lisboa hões serão levantadas por todos as classes de ideias mais ou menos retrogradas e pelos governos, perante o isolamento que à sua volta se estabelece — que procurem uma força onde apoiar-se, uma força que hões possa servir de bordão para a minharia. Essa força só a poderá encontrar na classe operária, que revela ideias mais altas, a que reivindica a abolição do capital e do preconceito de raça, a que anseia por destruir as desigualdades de toda a espécie. A classe operária, aliada a organismos de negros, garantirá o êxito das reivindicações de raça. Os negros trabalhadores só tem amigos, mais do que amigos, só tem inimigos, a classe trabalhadora europeu — a reivindicação da raça, a revolta contra o predomínio do branco.

Esta revolta, ocasionada pela diferença de cores, é característica também nos negros capitalistas. Há, porém, uma maneira diferente de encarar a mesma questão entre os negros que constituem a classe burguesa e a classe média. O interesse destes é mesmo entre os negros, garantir o êxito das reivindicações de raça. Os negros trabalhadores só tem amigos, mais do que amigos, só tem inimigos, a classe trabalhadora europeu — a revolta contra o predomínio do branco.

As questões de raça estão dentro da questão social. Uma vez resolvida, resolvidas ficarão as outras.

Uma luta bem definida se acentua cada vez mais e mais. E' luta dos trabalhadores de todo o mundo contra a burguesia de todo o mundo.

Mário DOMINGUES.

NOTAS & COMENTARIOS

A cavar batatas

Um telegrama da agência Americana (que é uma agência tam lidejina como qualquer outra), contava ontem que os miserios restos daquele pomposo exército de Wrangel encontraram assim quem quisesse receber-lhos. E' o Brasil. Informa a Americana que o Estado de S. Paulo convidou os heróis vencidos a vir trabalhar nos seus centros agrícolas. Aqui temos nós o comezinho fim dum épocas. Tudo uma tarrassada de napoleões, qual deles o mais valente, depois de terem investido com a Rússia, onde foram de ventas à torneira,apanhado para sua Santa Helena, os centros agrícolas de S. Paulo. Quer dizer: mandam os heróis cavar batatas. E a modos que os homens aceitam. Também, é o melhor que tem a fazer. A apoteose é: que se caracterizará pelo seu vigor, pela sua energia, que um ideal mais forte, mais intenso, hâ de agitar constantemente.

Publicava ontem um jornal da manhã o seguinte expressivo anúncio:

Juro de 200 contos por 35

Pode-se garantir a quem tomar um hotel de trespassa, que por causa de saude o proprietário que a liquidar, negócio seguro e sério, não se trata com intermediários. Carta à rua Augusta, etc.

Serve este depõimento insuspeito a demonstrar quão modestos tem sido e continuam sendo os lucros arrecadados pelos respeitáveis industriais hóteis. Esta proposta de trespassa é elucidativa em alto grau. E' memorável o descaremento do propinquente que, oferecendo por 35 contos o juro correspondente a um empate de 200, assegura a seguir que o negócio é seguro... sério! Vamos lá arquivando disto. E' um indicio mais de que a vergonha tende a desaparecer completamente da face do globo.

As questões de raça estão dentro da questão social. Uma vez resolvida, resolvidas ficarão as outras.

Hoje, pelas 21 horas na Faculdade de Ciências, uma conferência sobre As variedades da experiência religiosa.

VIDA POLITICA

Partido Comunista — Reunião hoje, pelas 21 horas, na Faculdade de Ciências, com os membros da Junta Nacional, com a comissão de propaganda

da burguesia negra, amarela, branca

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

— burguesia ao capitalismo, aos exploradores, aos perseguidores dos operários, etc.

Tudo parecia, a partitura, que os autoriza-

(24)

O COMUNISMO NOS TRIBUNAIS

O julgamento dos dez

Uma tentativa da reacção francesa miseravelmente falida

“E, assim como houve pessoas durante a guerra, que atribuiram esta... dão. Quem deixará de estar com elas? os pacifistas, também se finge gestor. Não aprecio aqui as teorias deles nem hoje que o mal-estar dos povos vem, não da nefasta geração dos seus interesses, mas dos que denunciam esse mal. E quer-se apresentar hoje como «conspiradores» os que estão na oposição.

“Já se tem como um *complot* o sofrimento das populações? Considera-se

complot o desejo de pôr termo a esse sofrimento, a esperança numa sociedade melhor, mais liberta das incógnitas dos políticos e da rapinagem dos homens de negócios? Chama-se *complot* à ação, desenvolvida à luz do dia, dos homens que se esforçam por tornar mais justa a organização do mundo e impossibilitar a repetição das calamidades que ainda ontem os desolaram? A

Não pode admitir-se que, para condená-los, se atribua a honestos adversários sempre prontos para uma discussão pública, tenebrosos *complots*, cujos riscos detalhes fazem lembrar destavares fitas do cinematógrafo?

Chama-se *complot* à ação, desenvolvida à luz do dia,

dos homens que se esforçam por tornar mais justa a organização do mundo e impossibilitar a repetição das calamidades que ainda ontem os desolaram? A

influências ocultas dum qualquer agente de Moscovo!..”

Pretende-se pôr fim à revolta? Há só um meio de consegui-lo: é pôr fim às injustiças. Isto está ao alcance de todos os governantes. Mas estes não cuidam de semelhante causa; acham mais fácil aumentar ainda o rol das injustiças.

O processo de Monatte é uma dessas injustiças. Espero que os srs. jurados a reparem. — Romain Rolland.

A nona audiência

Recomega o desfile das testemunhas. Volta a tratar-se da greve dos ferroviários, com a audição das testemunhas de Monmousseau.

DUSSEX

O advogado Torrès interroga a testemunha, antigo militante de Arles, sobre o congresso do P. L. M., realizado em Roanne, em 24 de Março.

— Esteve lá — diz Dussex — no dia seguinte à declaração da greve de Fevereiro-Março, por causa da qual fui despedido, perseguido e preso. Na rede do P. L. M. reinava uma efervescente extraordinaária por motivo dos resultados que a Federação disse ter obtido, resultados que a nossos olhos não passavam, em suma, dum colossal *bluff*, dum zombaria.

“No congresso de Roanne subsistia

ainda esta espécie de efervescência. Co-

mo sucedeu em todos os congressos, em

representantes da Federação, e bem

assim da Confederação Geral do Traba-

lho. O representante da C. G. T. era o

camarada Dumoulin, secretário adjunto

da C. G. T., que formulou a C. G. T.,

foi posta de parte, mas censurámos tam-

ento a Federação por ter, por assim

dizer, precipitado o regresso ao trabalho,

sem estar perfeitamente seguro da

aplicação do acordo feito entre a Federa-

ção, o governo e as companhias. En-

tão, o delegado da Federação apresen-

tou uma extensa moção defendendo-se

“Vimos à estacada por causa da questão de Campanaud, que os senhores conhecem, pois eu sei que ela já foi relatada. Tratava-se de dois dias de suspensão, mas voltava-se ao serviço com três despedimentos. Não havia, evidentemente, motivo para cancelar a greve, e os delegados que se encontravam em Roanne não ficaram satisfeitos. Queixavam-se da Federação que, segundo eles, tinha consentido no regresso ao trabalho 48 horas mais cedo do que devia ser. Soubemos, pelos conseguentes, que a C. G. T., de acordo com a Federação, dissera: «Se, dentro de 24 horas, não houver resultado, a C. G. T. tomará posições e entrará com a totalidade das forças organizadas francesas.»

“No congresso de Roanne subsistia ainda esta espécie de efervescência. Como sucedeu em todos os congressos, em representantes da Federação, e bem assim da Confederação Geral do Traba-

lho. O representante da C. G. T. era o

camarada Dumoulin, secretário adjunto

da C. G. T., que não seja permitido a uma

testemunha trazer documentação, obri-

gando-a a basear-se apenas na memória:

— No fim destas discussões, camara-

das, sei bem que temos a ação. Virá

ela logo a seguir deste congresso? Será

depois de ter reunião o Congresso fe-

deral? Esperar-se há talvez que a

C. G. T. promova uma ação geral no

primeiro de Maio? Do que podeis es-

tar seguros é que a C. G. T. sucede-

rá o que sucede, estará ao vosso lado,

como moralmente esteve na greve de

Fevereiro-Março.”

“Eis a situação, meus senhores. Não há aqui espírito de *complot*, e se eu me

voltar para banco dos acusados vejo

que nenhum destes assistiu a essa Con-

greço, e foi daquele que partiu a greve de

Maio, greve essencialmente, eminentemente corporativa, que se não teria de-

clarado se o governo se bem assim as

companhias houvessem respeitado os

seus compromissos. Se houve *complot*,

quem deve ir para o banco dos réus

são os diretores das companhias, e os

governantes de então.

“Se se fala de *complot* por motivo da

greve de Maio, é a Federação ferroviária

que tem tódas as responsabilidades

dela, e, a haver réus nesse *complot*,

são os membros do Conselho de Admi-

nistração da Federação os membro

sos da C. G. T., com os quais estavam

os diretores das companhias, e os

governantes de então.

Só circunstâncias extraordinárias, no

congresso federal, determinaram os de-

legados mandarem o conselho fede-

ral para declarar a greve geral, de pi-

reto o primeiro de Maio podia ser o eixo

de ação.

Bloch-Larrosse, o advogado de acu-

ação, ouvindo Bert aludir a «circuns-

tâncias extraordinárias» evendo já nissos

mês de Moscovo, pregunta:

— Que circunstâncias extraordinárias

foram essas?

4.5.121

(Continua).

Recorda a má fé das companhias, pro-

metendo muito mas não cumprindo as

sus promessas, e o descontentamento

conseguindo do pessoal. Por isso, sem

coordenação, espontaneamente, surgi-

na linha do P. O. greves parciais, em

Périgueux, em Limoges, etc.

Mas no congresso de Angoulême,

onde os revolucionários da tendência de

Monmousseau estavam em maioria, Bert

conseguiu a aprovação dum moção re-

geitando a greve de 24 horas no pri-

meiro de Maio, com os fins da C. G. T.,

e propôs uma greve geral limitada,

com os objetivos: reintegração dos demitidos, tabela de salários, e

regulamento de serviço.

Só circunstâncias extraordinárias, no

congresso federal, determinaram os de-

legados mandarem o conselho fede-

ral para declarar a greve geral, de pi-

reto o primeiro de Maio podia ser o eixo

de ação.

Bert, ferroviário despedido da P. O.

é agora secretário da União dos Sindica-

cios da Alta-Vienna. E' poiso enorme

de 33 sindicatos, comprendendo mais

de 10.000 trabalhadores, que ele dirige

a sua solidariedade com Monmousseau.

— No fim destas discussões, camara-

das, sei bem que temos a ação. Virá

ela logo a seguir deste congresso? Será

depois de ter reunião o Congresso fe-

deral? Esperar-se há talvez que a

C. G. T. promova uma ação geral no

primeiro de Maio? Do que podeis es-

tar seguros é que a C. G. T. sucede-

rá o que sucede, estará ao vosso lado,

como moralmente esteve na greve de

Fevereiro-Março.”

Eis a situação, meus senhores. Não há

aqui espírito de *complot*, e se eu me

voltar para banco dos acusados vejo

que nenhum destes assistiu a essa Con-

greço, e foi daquele que partiu a greve de

Maio, greve essencialmente, eminentemente corporativa, que se não teria de-

clarado se o governo se bem assim as

companhias houvessem respeitado os

seus compromissos. Se houve *complot*,

quem deve ir para o banco dos réus

são os diretores das companhias, e os

governantes de então.

Se se fala de *complot* por motivo da

greve de Maio, é a Federação ferroviária

que tem tódas as responsabilidades

dela, e, a haver réus nesse *complot*,

são os membros do Conselho de Admi-

nistração da Federação os membro

sos da C. G. T., com os quais estavam

os diretores das companhias, e os

governantes de então.

Recorda a má fé das companhias, pro-

metendo muito mas não cumprindo as

sus promessas, e o descontentamento

conseguindo do pessoal. Por isso, sem

coordenação, espontaneamente, surgi-

na linha do P. O. greves parciais, em

Périgueux, em Limoges, etc.

Mas no congresso de Angoulême,

</div